

## Resenha de livro

**Energy Security: An Interdisciplinary approach.** Por Gawdat Bahgat. Washington: Jonh Wiley & Sons Ltd, 2011. ISBN: 978-0-470-68904-2. 2011.

Resenhista:

Stephanie Queiroz Garcia (UFPE)

stegarcia@gmail.com

Recebido: 11/08/2015

Aprovado: 17/08/2015

A resenha do livro *Energy Security: An Interdisciplinary approach* se justifica, inicialmente, pela reiterada importância dos temas segurança e energia nas Relações Internacionais contemporâneas, bem como dos seus desdobramentos observados na ordem mundial vigente. A obra em questão se perfaz em 226 páginas e é de autoria de Gawdat Bahgat, professor e pesquisador do *Near East South Asia Center for Strategic Studies*, vinculado a *National Defense University*, em Washington, DC, Estados Unidos.

O livro está dividido em 11 capítulos e busca compreender os desafios relacionados à segurança energética em regiões estratégicas, como China e o Golfo Pérsico, e ainda objetiva debater o tema dentro da perspectiva das instituições internacionais que regulam o mercado dos recursos naturais relacionados à produção de energia.

O autor introduz a temática da energia fazendo um breve remonte histórico acerca da importância dos combustíveis fósseis para a Revolução Industrial e o posterior desenvolvimento da economia global, destacando que a maior característica da energia é o desencontro entre oferta e demanda, em que reservas e consumidores se encontram espalhados por distintas áreas do globo. Ele ressalva, ainda, que, apesar da fundamental importância do petróleo, na atualidade há uma grande diversificação nos mix de energia, contando com outros recursos relevantes, como o gás natural, o carvão, a energia nuclear e os biocombustíveis.

Destaca, ainda, Bahgat, a importância dos Estados Unidos como o maior ator no sistema global de energia, figurando sempre entre as primeiras posições dos rankings internacionais de consumo e produção. Ele também afirma que, apesar da suntuosidade dos números e do engajamento internacional na área, o governo estadunidense nunca articulou completamente uma estratégia energética. Segundo o

autor, a grande questão para os EUA é responder aos desafios multidimensionais que ora se apresentam e que estão crucialmente relacionados ao fornecimento desses recursos e, ao mesmo tempo, a necessidade de aderir a novas formas de energia menos danosas ao meio ambiente.

Ele Relata, em seguida, a perspectiva dos recursos energéticos dentro do espectro de atuação da União Europeia (UE) que, com seu enorme mercado consumidor, sofre com a falta de suprimentos enérgicos e depende da produção de terceiros para garantir o pleno abastecimento do Bloco; reiterando que essa enorme dependência está ligada à ausência de recursos naturais estratégicos no continente e não a falta de uma organização política para o setor. Pelo contrário, a UE se mostrou extremamente engajada na organização de soluções conjuntas e institucionalizadas pelo Bloco, obviamente dentro do limite de suas capacidades. O grande desafio consiste em harmonizar os interesses de cada Estado-membro e ao mesmo tempo promover uma cooperação internacional eficiente e ativa para o setor.

O autor debate também sobre os dilemas de segurança energética na China, país que na última década apresentou ao mundo números impressionantes de desenvolvimento comercial e econômico. Assim como os EUA, a China é um ator de peso no que se refere ao binômio consumo e produção de energia, figurando também nas primeiras colocações dos rankings das agências internacionais para o setor; fato este que se justifica por sua enorme população e pelo contínuo crescimento econômico. O grande desafio enfrentado por Pequim é manter o elevado nível de produção industrial, mesmo tendo que importar petróleo e seus derivados, e, ainda, não transformar a questão dos recursos naturais em problema de segurança internacional.

Continuando, o autor apresenta um panorama atual do que é considerada a região mais profícua do mundo quando o assunto é a extração e a produção de petróleo e gás: o Golfo Pérsico. Esta região é considerada a maior detentora de reservas de petróleo cru e a maior produtora de combustível do planeta. A alta produção e o relativamente baixo consumo colocam o Golfo Pérsico como uma área estratégica e extremamente atrativa, tendo desenvolvido ao longo dos anos um *know-how* impressionante acerca do refino e da comercialização internacional destes recursos.

Ele explica, também, que, diferentemente da Europa, o continente africano possui reservas massivas de petróleo e gás natural, colaborando significativamente com o mercado de energia global, além de destacar que o principal desafio da região é explorar mais e melhor estes recursos dentro do quadro de problemas políticos, sociais e

econômico enfrentados por seus Estados. É certo que muitos deles já contam com a receita da exportação dos recursos em questão, porém, ressalte-se que ainda há muito o que progredir no que se refere à comercialização em larga escala.

Para Gawdat, é preciso destacar também a relevância da região do Mar Cáspio, que se localiza no noroeste da Ásia e cujos limites estão divididos por Azerbaijão, Irã, Cazaquistão, Rússia e Turcomenistão. A região é considerada estratégica por suas pujantes reservas de hidrocarbonetos e, mais ainda, por se constituir como uma alternativa à produção do Oriente Médio e à dependência das grandes potências frente a estes mercados.

Em seguida, o autor relata importação da Rússia como um dos maiores atores no mercado global de energia, destacando que as empresas russas estão em constante busca por parceiros que possam explorar o mercado energético nas diferentes partes do mundo. Entretanto, o desafio a ser enfrentado é a harmonização de problemas de ordem geológica, geopolítica e geoeconômica e ao contrário de outros produtores, ser fortemente influenciado pelas condições políticas e econômicas estabelecidas em Moscou. Assim como a China, pode ter questões ligadas a recursos naturais tratadas como tema de segurança internacional, justificando a latente desconfiança percebida pelo mercado ocidental.

Na parte final da obra, o autor destaca o papel das instituições internacionais que regulam o mercado energético, especialmente, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), e a Agência Internacional de Energia (AIE). Para ele, a questão central é enfrentar o desafio entre o interesse unitário e o coletivo, de cada Estado e de cada instituição, dentro do espectro de uma governança global energética. É importante destacar ainda que a obra em questão apresenta um *framework* institucional bastante completo acerca da questão energética global, fornecendo um banco de dados bastante rico e que corrobora as teses defendidas pelo autor. É, sem dúvida, uma leitura indispensável para os que se interessam pelas questões de segurança energética na ordem internacional vigente.